

## **A PEDAGOGIA DA DIFERENÇA E A IMPROVISAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS**

**ROBERTA BANDEIRA ALVES<sup>1</sup>; VANESSA CALDEIRA LEITE<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [roberta.bandeira@hotmail.com](mailto:roberta.bandeira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Centro de Artes/UFPEl – [leite.vanessa@hotmail.com](mailto:leite.vanessa@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho se refere a experiência de iniciação à docência realizada através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- (PIBID) Teatro/UFPEl/Capes, com duas turmas do Curso Normal, no I.E.E. Assis Brasil, em Pelotas-RS, no ano de 2011, a partir das leituras de Tomaz Tadeu da Silva sobre a Pedagogia da Diferença que aponta a desestabilização das Identidades Fixadas - consideradas a “norma” e a instauração da Diferença - contemplando as identidades “outras”, “diversas” “múltiplas”, como condição básica para a uma educação democrática.

Pensando no desenvolvimento das aulas de Teatro com crianças, das futuras educadoras, surgiram preocupações em relação aos conteúdos subjetivos presentes nesse contexto. Em função do caminho fácil que muitas vezes se faz no ensino de Teatro com crianças, com histórias e personagens estereotipados do universo infantil, buscou-se atender a necessidade de subverter as histórias que apresentam personagens com identidades “puras”, artificiais, ao invés de múltiplas, como as reais.

O teatro, possuindo elementos e recursos que perpassam o discurso textual, impõe a necessidade de se avaliar cuidadosamente a construção das histórias e a caracterização dos personagens tanto no teatro infantil (para as crianças) como no teatro na infância (com crianças), para muito além da narrativa, já que a tipificação física e psicológica dos personagens também pode representar a reprodução de preconceitos e estereótipos:

A falta de construção consistente dos personagens, com mais elementos, também contribui para que estes, ao se identificarem através de figurinos, adereços e excesso de verbalização, acabem caindo no estereótipo: concepção padronizada, estática e banal de uma personagem. É possível observar ainda como se reforçam nesses espetáculos, modelos éticos e estéticos, deixando claro que preconceitos não se transmitem apenas através de palavras, mas também de imagens: Vovó - Usa bengala, coque, corcunda, chale. Menina - Vestidinho rodado, colorido, carregando cestinha de flores. Faxineira - Nádegas e seios exagerados, andar espevitado, faladeira. Ursa mãe - Usa avental, limpa casa, faz comida, põe a mesa. Única na família a realizar afazeres domésticos”. (SOUZA, 2000).

Além disso, conforme Ferreira (2006), as histórias na sua maioria se caracterizam pelo estereótipo, apresentando peças de caráter moralizante e didático; histórias maniqueístas e temáticas oníricas; utilização de estereótipos de infância na representação de personagens criança. Essa realidade de histórias e personagens estereotipados não é exclusividade das peças do teatro infantil, mas também caracteriza a grande maioria dos contos de fada e histórias infantis que são utilizadas comumente na prática de teatro com

crianças na escola. Em função disso, buscamos a reflexão sobre a importância de romper com os estereótipos e com histórias estereotipadas desse universo, inclusive para privilegiar a possibilidade de criação de personagens de maneira mais livre, espontânea e criativa, assim como sua representação.

Essa preocupação veio ao encontro de “A produção social da Identidade e da Diferença” de Tomaz Tadeu da Silva (2000), leitura efetuada e discutida na área específica do PIBID-Teatro. A Pedagogia da Diferença, como propõe Silva, critica uma Pedagogia de ‘mera tolerância’ a diversidade cultural, propondo que se aborde identidade e diferença como produtos sociais, como produtos que envolvem relações de poder: a pedagogia e o currículo tratando a identidade e a diferença como questões políticas. Silva fala sobre a necessidade de uma Pedagogia que permita a desestabilização das Identidades Fixadas, consideradas como a “norma” e de se instaurar a Diferença, que contempla as identidades “outras”, “diversas” e “múltiplas”.

## **2. METODOLOGIA**

Através da prática de improvisação teatral, das histórias infantis e dos contos de fada, as alunas desenvolveram uma reflexão crítica sobre as características estereotipadas presentes nas histórias do universo infantil.

Num primeiro momento, através de uma improvisação mais espontânea na qual os personagens das histórias infantis e contos de fada surgiram com identidades fixas, buscamos refletir sobre o caráter artificial das identidades presentes nessas histórias. Num segundo exercício, praticaram-se a improvisação de “outras” histórias, atividade de subversão, de desestabilização das identidades normalizantes e de estabelecimento de um diálogo mais próximo entre histórias e realidade social. Nesse momento surgiram “novas” histórias, com personagens com características de Diferença: um personagem cego, uma “sereia muda”, uma “flor diferente” e *O patinho feio*. Mesmo assim, esses personagens diferentes vieram muito carregados do estigma de “o outro” - o diferente da norma.

Através de discussões refletiu-se acerca dessa questão, da “norma” e o “padrão” constituírem-se como maneira de garantir a determinados grupos da sociedade direitos e privilégios, em detrimento dos demais grupos. A partir disso, se desenvolveu um terceiro momento de improvisação de cenas, inspiradas nas histórias infantis e contos de fada, de forma crítica e questionadora, através da qual surgiram personagens com características identitárias múltiplas e de diferença, mais próximas das reais.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As alunas desenvolveram a reflexão acerca da “norma” e o “padrão” constituírem-se como maneira de garantir a determinados grupos da sociedade direitos e privilégios, em detrimento dos demais grupos. E também em relação ao fato da fixação dessas identidades “dominantes” serem fruto de sistemas de representação (como as histórias infantis e contos de fada), que não são reais, pois são artificiais, conforme nos fala Silva (2000), não contemplam às multiplicidades presentes nas nossas diferentes identidades. Assim, as futuras educadoras promoveram uma reflexão sobre os conteúdos subjetivos presentes nas histórias do universo infantil, assim como exercitaram práticas

de subversão do caráter fixo e normalizante das identidades presentes nesses artefatos, de maneira que possam superar a reprodução de tais sistemas de representação instaurando a diferença no imaginário infantil, a partir das aulas de teatro com crianças.

#### **4. CONCLUSÕES**

As histórias infantis são representações muito significativas no universo das crianças e são utilizadas muitas vezes nas aulas de teatro com crianças. A prática de improvisação/montagem de peças com essas histórias de maneira crítica e reflexiva atende a necessidade de romper com as histórias que apresentem personagens com identidades “puras”, artificiais, ao invés de múltiplas, como as reais. Fazendo com que as Diferenças se façam presentes no universo do imaginário infantil, contemplando assim as multiplicidades identitárias presentes na sociedade de maneira democrática, pode-se colaborar para a superação da hierarquização e hegemonia de grupos identitários. Já que “educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela, se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico.” (SILVA, 2000, 101).

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FERREIRA, T. **A Escola no Teatro e o teatro na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SOUZA, M. A. de. **Teatro Infantil ou Teatro para Crianças?** Acessado em 10 de mar. 2012. Online. Disponível em: [http://www.cbtij.org.br/arquivo\\_aberto/artigos.htm](http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/artigos.htm)